

PRODUÇÃO DE MÍDIA INDEPENDENTE: JORNAL IMPRESSO NA ESCOLA FRANKLIN OLIVÉ LEITE

JOSÉ PEDRO MINHO MELLO¹; MÁRCIA DRESCH²;

¹*Universidade Federal de Pelotas – zepedrominho@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – dreschm@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

A atividade de trabalho proposta faz parte do projeto de extensão Formação de Jovens Comunicadores Comunitários, que desde 2017 atua em escolas públicas da cidade de Pelotas/RS. O projeto oferece protagonismo para que jovens estudantes possam expor suas próprias histórias por meio de jornais impressos, audiovisual e também fotografia, de forma independente, longe e diferente de grandes grupos de comunicação, gerando uma forma livre de produção.

A agência de jornalismo investigativo sem fins lucrativos do Brasil “Pública”, visa a preocupação social com um jornalismo independente e de credibilidade e em 2018 recebeu prêmios no “VI Prêmio República”, “Concurso Global de Reportagem de Saúde”, “Prêmio Aquisição TV Cultura”, “35º Prêmio Direitos Humanos de Jornalismo”, com suas matérias. Segundo mapeamento da agência no ano de 2016 foram encontradas 79 iniciativas em 12 estados e no Distrito Federal de iniciativas independentes.

Neste ano, a atividade desenvolvida é a produção, edição e impressão de um jornal para a Escola Franklin Olivé Leite. O jornal está pautado por matérias sobre pontos do bairro Lindóia, a escola e alguns projetos que ela desenvolve, tudo isso sempre a partir da visão dos alunos. Com isso, o projeto cumpre um de seus objetivos que é de contribuir para que os jovens não sejam apenas consumidores de informação, mas seus produtores, fortalecendo, assim, um dos aspectos da cidadania que é o direito à Comunicação.

“O acesso à comunicação no País é um direito estabelecido pela Constituição Federal, em seu Artigo 5º. Além disso, o serviço de radiodifusão, no País, depende de concessões públicas para veicular seus conteúdos. Nenhum desses argumentos, entretanto, garante a representação social das camadas populares nesses veículos, pois o discurso midiático muitas vezes é construído de modo a negar os movimentos populares como sujeitos históricos. Seja nos meios impressos, digitais, de televisão ou de rádio, coberturas jornalísticas descontextualizadas, abordagens estereotipadas e supressão da agenda de luta por direitos demonstram que a atuação da mídia predominante não contempla a multiplicidade de vozes que compõem a sociedade contemporânea.” (REIS. M., 2017, p. 199).

O objetivo da produção do jornal, portanto, é dar protagonismo aos jovens ao falar sobre os projetos da escola para o bairro e do bairro para a escola,

expondo um outro lado, e outras notícias, que geralmente são gerados por grandes veículos e que em sua maioria respondem a outras instituições, como por exemplo a anunciantes.

2. METODOLOGIA

O projeto está dividido em quatro fases: 1) escolha da escola e pesquisa das pautas com os alunos; 2) recolhimento e produção de material (notícias, fotos, etc.); 3) diagramação do jornal; 4) e impressão e veiculação.

A primeira fase do trabalho se deu a partir da pesquisa de escolas na cidade de Pelotas/RS. Por intermédio da produtora cultural, Aline Michel, a coordenação do projeto chegou à escola Franklin Olivé, que recentemente havia saído nos noticiários locais por expor um projeto de banda escolar. Essa notícia, veiculada no jornal Diário Popular, foi uma nota positiva numa pauta que quase sempre é dominada por notas sobre assassinatos e assaltos, que acontecem no bairro onde a escola está localizada. Com a notícia da banda da escola no jornal local, a recepção à proposta do projeto ganhou boa acolhida, oportunizando a realização de mais uma experiência de comunicação contra-hegemônica:

“Em diferentes momentos históricos, experiências que se distanciam em maior ou menor medida da concepção convencional de jornalismo se desenvolveram, gerando expressões e leituras distintas da sua atuação. No contexto brasileiro, um caso simbólico no desenvolvimento deste tipo de experiência é a imprensa de resistência ao regime militar nas décadas de 1960 e 1970. [...] assim como em outros momentos políticos marcantes na história do país, é durante a ditadura militar que se adota a expressão “imprensa alternativa”, que permanece como referência para tratar esse tipo de experiência a partir daí. De forma geral, a expressão é usada para situar experiências que se diferenciam de um determinado padrão – de jornalismo, cultura, etc. – e que surgem ligadas a um contexto histórico e cultural específico, como, por exemplo, os fanzines na Inglaterra nos anos 1980 estudados por Atton (2012).” (ASSIS. E., 2017, p.9)

Nesse contexto, a criação do jornal independente da escola é importante, pois pode-se deixar que os próprios alunos exponham suas visões do lugar onde moram e estudam. Após a escolha, ainda na primeira fase, foi marcada uma dinâmica de grupo com os alunos dos 8º e 9º anos da escola. Num primeiro momento houve bastante engajamento dos professores bem como das diretoras e vice-diretoras. Antes da dinâmica, no entanto, ocorreu a apresentação a alguns membros do corpo docente dos objetivos do projeto Formação de Jovens Comunicadores Comunitários, mediada pela coordenadora do projeto Márcia Dresch. Na ocasião, também se expôs, como a atividade seria realizada com os alunos ao longos dos meses seguintes. Depois desta reunião, foi realizada uma palestra como professor do curso de jornalismo da Universidade Federal de Pelotas, Ricardo Z. Fiegenbaum, em que ele mostrou alguns conceitos ligados ao jornalismo, construção da notícia e *fakenews*. Também foi apresentado por mim

um vídeo para os alunos envolvendo algumas notícias de distintos noticiários do Brasil, com a finalidade de expor os diferentes modos de noticiar.

Logo após, como parte da sensibilização, os alunos confeccionaram alguns cartazes, onde escreveram o que julgavam ser bom ou ruim em sua escola e no seu bairro (Tabela 1). A partir disso foi possível levantar temas para a fase 2 do projeto. Após a dinâmica, os alunos que demonstraram interesse em realizar o jornal da escola, colocaram seu contato e nome em uma folha para continuar dando avanço ao projeto via grupo de *Whatsapp*, e também com reuniões semanais que ocorriam às quintas-feiras à tarde, no turno inverso dos alunos, antes do começo do segundo semestre do ano.

Na primeira reunião semanal, os alunos expuseram em conversa com a coordenadora e eu, o bolsista atual do projeto, o que queriam de fato no jornal (fase 2). Em reunião com os alunos que demonstraram interesse foi viável montar equipes para dividir o trabalho de pesquisa e produção do material (Tabela 2).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O que tem de ruim na minha escola, no meu bairro e na minha cidade?	O que tem de bom na minha escola, no meu bairro e na minha cidade?
Demora na resolução de assuntos importantes; Lixos espalhados; Pontos perigosos onde a segurança não prevalece; Greves; Falta de medicamentos nos postos de saúde; Salários dos professores; Ruas esburacadas, preconceitos, pessoas sem consciência;	Educação; Padaria; Coleta seletiva; Tia Martinha; Culinária; Shopping; Merenda; Banda escolar; Projetos; Quadra;

Tabela 01- O que os alunos pensam ser bom e ruim em sua escola, bairro e cidade.

Tema	Equipe responsável	Tema	Equipe responsável
Texto de apresentação da escola sobre a gestão da atual diretoria e a importância no bairro;	Diretoria;	Entrevista com moradores do bairro e banda escolar;	Luis Henrique (9º ano);
Texto de apresentação da escola sobre a gestão da atual diretoria e a importância no bairro;	Emanuelle (9º ano) e Arthur (9º ano);	Projeto start; Projeto de reciclagem;	Kamilly (9º ano) e Bruno (9º ano);
Projeto bem-viver; Projeto sobre os prédios históricos;	Alice (9º ano); Luana (8º ano);	Fotos da fachada, espaços de revitalização, espaço interno, secretarias;	José Pedro e alunos;

Tabela 02- Equipes para a produção de conteúdo do jornal.

Atualmente o projeto se encontra na fase 2. Os alunos vêm se engajando, demonstrando-se interessados desde o primeiro momento, e avançando gradativamente no projeto. Como parte das atividades, os alunos, com a ajuda de seus professores, vão produzir os textos a partir de entrevistas e coleta de informações na escola e no bairro, e realizar a cobertura fotográfica para ilustrar as matérias. Esse processo vai se desenrolar ao longo dos meses de setembro e outubro, quando, finalmente, se poderá realizar as etapas 3 e 4 do projeto. Ressalte-se que a escola está trabalhando para melhorar seu espaço físico, com intervenções diversas, e o bolsista, por ser estudante de cinema, foi designado para fazer as fotos do “antes e depois” das ações de melhoria, o que também será matéria do jornal.

4. CONCLUSÕES

Notou-se que até o momento as fases mais promissoras do projeto foram aquelas onde ocorreu um maior engajamento da escola, pois quando o projeto acontece de uma forma conjunta com as disciplinas é mais compreensível para entendimento dos alunos que ele faz parte do aprendizado e não se trata de algo à parte. O projeto traz aproximação da comunidade pelotense com a Universidade, que geralmente desconhece os projetos das faculdades com a cidade, como por exemplo na tabela 02, os alunos expressam que a maioria das coisas boas estão na sua escola, e no seu bairro, o que é um dado bastante positivo, mas também expressa um desconhecimento dos projetos, eventos, oficinas e outras atividades que a Universidade oferece para a cidade. Por intermédio do jornal, que será veiculado no bairro onde a escola está situada espera-se que os pais, alunos e professores possam se inspirar e auxiliar na comunicação entre escola e bairro, além do material histórico que será gerado para a preservação do atual momento no futuro.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REIS, M. Comunicar, resistir: um olhar sobre as práticas discursivas em rede do jornalismo independente no Brasil. **Vozes & Diálogo**, Itajaí, v. 16, n. 01, p. 198-199, 2017.

ASSIS, E. CAMASÃO, L. SILVA, M. R. CHRISTOFOLETI R. Autonomia, ativismo e colaboração: contribuições para o debate sobre a mídia independente contemporânea. **Revista Pauta Geral**. v. 4, n. 1, p. 9, 2017.

AGÊNCIA PÚBLICA: Agência de Jornalismo Investigativo. **O que descobrimos com o Mapa do Jornalismo Independente**. Acesso em agosto de 2019. Online. Disponível em: <http://apublica.org/2016/11/o-que-descobrimos-com-o-mapa-do-jornalismo-independente/>